

A MEMÓRIA COLETIVA, TRABALHO E TRADIÇÕES NA CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DO POVOADO DE ITAIPU-BA¹

LA MEMORIA COLECTIVA, EL TRABAJO Y LAS TRADICIONES EN LA CONFIGURACIÓN DEL ESPACIO EN EL POBLADO DE ITAIPU-BA

THE COLLECTIVE MEMORY, WORK AND TRADITIONS IN THE SPATIAL CONFIGURATION OF THE ITAIPU VILLAGE

Urânia Teixeira Amaral²

urania.geo@gmail.com

Ana Elizabeth Santos Alves³

ana_alves183@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo objetiva compreender a presença da memória coletiva no povoado de Itaipu e demonstrar como ela é refletida na vivência dos grupos, tendo em vista as relações de trabalho e as tradições criadas, especificamente a comemoração do São João e a prática do tropeirismo no lugar. Os principais teóricos utilizados na pesquisa foram Halbwachs (1990), nas discussões sobre memória; Massey (2008) e Martins (1998), os quais abordam o lugar das tradições. As narrativas dos moradores foram imprescindíveis para o entendimento de como se configurou o espaço de Itaipu e as influências da memória das tradições nas relações de trabalho e na vivência dos grupos pertencentes ao mesmo.

Palavras-Chave: Memória coletiva. Lugar. Tradições.

RESUMEN: El presente artículo tiene como objetivo comprender la importancia que tienen la memoria colectiva y demostrar como éstas se reflejan en las vivencias de los habitantes del poblado de Itaipu. Hemos tomado como base la relación que existe entre el trabajo y las tradiciones, específicamente en la celebración del día de San Juan y la práctica del arreo. Los principios teóricos utilizados en las encuestas fueron los siguientes: Halbwachs (1990) discusiones sobre las tradiciones, Massey (2008) y Martins (1998) el lugar de las tradiciones. Gran importancia tuvieron las conversaciones realizadas con los habitantes del poblado, ya que nos llevaron a

¹ Este estudo aborda discussões realizadas na dissertação de mestrado da autora (Dissertação apresentada em Fevereiro de 2016, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, no Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, intitulada: Memória e mobilidade do trabalho no povoado de Itaipu, município de Vitória da Conquista- BA).

² Graduada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual do sudoeste da Bahia (UESB). Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação (UESB) e pesquisadora do grupo de pesquisa Museu Pedagógico: História, Trabalho e Educação.

³ Doutora em educação. Docente do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Membro do Museu Pedagógico da UESB.

entender cómo la configuración del territorio de Itaipu y la influencia de las tradiciones influyen en las relaciones de trabajo y vivencias de los grupos a que pertenecen.

Palabras claves: Memoria colectiva. Lugar. Tradiciones.

ABSTRACT: This article aims to understand the presence of collective memory in the Itaipu's village, it demonstrates how this memory is reflected in the experience of the groups, when it portrayed the labor relations and created traditions, specifically the celebration of St. John and the practice developed by herdsman in that place. The theorists used in the research were Halbwachs (1990), who discusses about memory; Massey (2008) and Martins (1998), which treat about the place of traditions. The narratives of the villagers were essential to understand the configuration of the Itaipu space and the influences of the memory of traditions in labor relations and in the experiences of belonging to the same groups.

Keywords: Collective memory. Place. Traditions.

INTRODUÇÃO

O tema primordial deste estudo é a memória do trabalho e da tradição dos moradores do povoado de Itaipu, pertencente ao distrito de José Gonçalves, situado no Município de Vitória da Conquista- Bahia, localizado (Mapa) entre as cidades de Vitória da Conquista e Planalto. Itaipu (figura 1) está a 36 km da sede municipal e a 7 km da BR 116, e trata-se de uma comunidade rural, visto ser um espaço onde vivem famílias numerosas que ainda mantêm a vivacidade do tradicionalismo.

O objetivo principal dessa discussão é demonstrar a relevância da memória das tradições e trajetórias vivenciadas pelos moradores de Itaipu, sobretudo, a que está atrelada às relações do trabalho e a influencia dessas tradições na configuração espacial do povoado e na mobilidade do trabalho. Em específico, pleiteia-se abordar a memória da prática do tropeirismo no povoado; destacar suas respectivas influências nas relações de trabalho e nas tradições do lugar; compreender de que forma o tropeirismo contribuiu para a mobilidade do trabalho e as transformações espaciais no povoado; entender as interferências das forças produtivas do capital na vivencia dos moradores.

As categorias de análise deste estudo são Memória Coletiva, o Espaço e o Lugar. A memória coletiva, constituída pelas narrativas dos moradores, o espaço, visto num contexto social dotado de fluidez e transformações, movimentam-se e produzem novos matizes ao longo de um processo historicamente construído, e o lugar, inserido no contexto espacial, é tecido por uma construção social em que os três juntamente revelam as tradições construídas pelos grupos do povoado de Itaipu.

A fim de desvendar os aspectos referentes a memória do trabalho e das tradições pelos moradores deste povoado é que se pleiteia analisar os fenômenos, e, sobremaneira, buscar, numa dimensão crítica, aquilo que está por traz de todas as implicações alusivas à

memória associada as relações de trabalho e a tradição do lugar. Em vista disso, o método de abordagem utilizado é a dialética, a qual, segundo Kosik (1989), consiste na decomposição do todo e revela um pensamento crítico com o qual é possível entender determinada “coisa”. O processo de compreensão da realidade, neste viés, não está vinculado somente à percepção do concreto, mas ao pensamento dialético, o qual busca ir além da aparência externa do fenômeno, desvendando, dessa forma, o mundo real e a essência dos acontecimentos.

É necessário salientar que as tropas que passavam pelo povoado e se abrigavam provisoriamente em rancharias foram imprescindíveis no processo de reprodução espacial de Itaipu, além de terem um papel preponderante na circulação de mercadorias e de transportes, promovendo a mobilidade do trabalho na região e, principalmente, o estreitamento de laços dos tropeiros com os moradores do lugar, o que contribuiu na formação de novos significados e tradições.

Sobre os procedimentos metodológicos, a pesquisa compõe-se de um recorte da dissertação de mestrado da pesquisadora, sendo que, no processo de investigação empírica das questões discutidas nesse estudo foram realizadas quatro visitas com observações diretas ao campo, nas quais se realizou conversas espontâneas com um morador de cada família, a partir de questionamentos presentes em um roteiro semiestruturado. As entrevistas foram aplicadas de acordo com o posicionamento de Thompson (1935), o qual afirma:

Pode-se estabelecer uma diferença entre os chamados “questionários” de perguntas fechadas, cujos padrões lógicos rigidamente estruturados inibem de tal modo a memória que o “respondente” [...] fica reduzido a respostas monossilábicas, ou muito curtas; e no outro extremo, não propriamente uma “entrevista”, mas uma “conversa” livre em que a “pessoa”, o “portador-de-tradição”, a “testemunha” ou o “narrador” é “convidado a falar” sobre assunto de direito comum. (p.257).

Assim os moradores iam contando suas histórias livremente tendo todo tempo pra falar, o que fez com que as narrativas fluíssem. A discussão sobre o tropeirismo no lugar surgiu a partir das conversas com os moradores entrevistados, os quais foram relatando sobre a história do povoado, e em suas falas foi possível perceber a relevância que deram atais aspectos. Os entrevistados assinaram um termo de autorização para exposição dos nomes e de imagens. Na transcrição das entrevistas, optou-se por resguardar a linguagem própria dos moradores. Os entrevistados compunham-se, principalmente, de idosos, visto serem eles os moradores que permanecem nas casas, enquanto, os jovens, em sua maioria, atualmente trabalham nas cidades mais próximas. Diante das evidências empíricas e do arcabouço teórico no destrinchar das categorias memória e lugar é que se pode

compreender as questões que tratam sobre a configuração espacial do povoado de Itaipu tendo em vista a memória do lugar e das tradições.

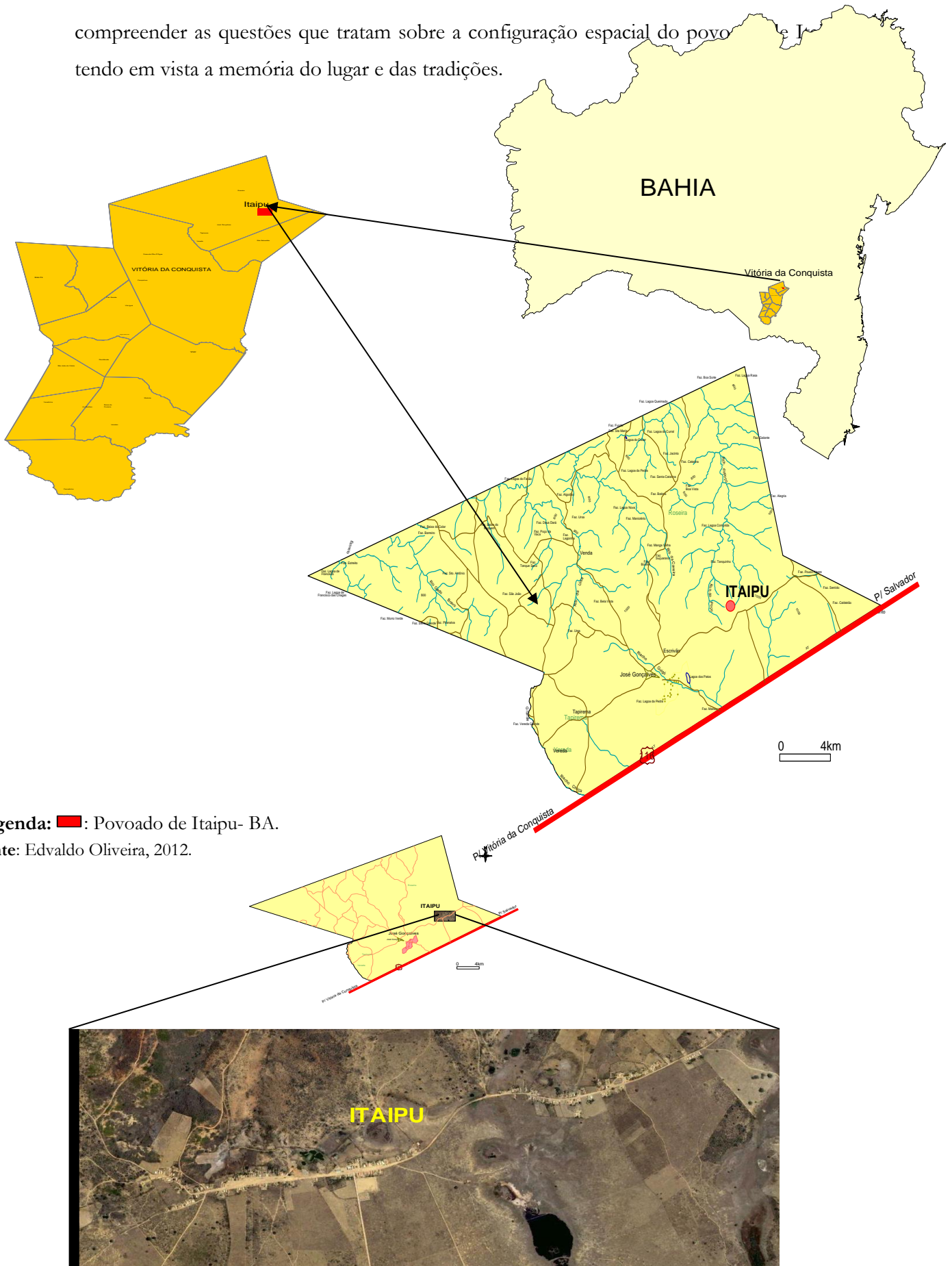


Figura 1: Mapa de Localização do povoado de Itaipu no território de Identidade de Vitória da Conquista-BA. Fonte: Amaral, U. T. 2015.

Após a visualização da área do povoado de Itaipu, no próximo item serão tratadas discussões acerca das características históricas do lugar, a fim de compreender as demais discussões.

A HISTÓRIA DO POVOADO CONSTRUÍDA A PARTIR DA EXPRESSÃO DA MEMÓRIA DOS MORADORES

O povoado de Itaipu passou por um longo processo de transformações espaciais, tendo em vista as relações sociais que foram sendo construídas com o passar do tempo. Segundo as narrativas dos moradores, este povoado foi fundado pelo pequeno agricultor Tertuliano Teixeira. Ele substituiu o nome da localidade de Lagoa da Pedra para Itaipu (um derivado indígena). Os moradores mais antigos do lugar afirmam que Tertuliano foi morto por um homem que lhe pediu emprego. Ele orientou ao forasteiro que esperasse a passagem dos festejos juninos e por ora concedeu estadia na rancharia. Quando chegou o dia da “festa de São João”, Tertuliano e o forasteiro estavam à beira da fogueira, momento em que este lhe deu quatro tiros. Tertuliano foi morto no dia 23 de junho de 1941⁴.

O Sr. Idalino⁵ enfatiza que em meados de 1935, havia apenas 15 casas no povoado e que a maior parte do espaço era de “mato”. O Sr. Manuel⁶ recorda deste período ao relatar que algumas casas eram feitas de pau-a-pique⁷ e outras de adobe⁸. A moradora Dona Clemência⁹, conhecida por “Santinha”, com 94 anos, ainda guarda a memória de sua vivência neste lugar.

Em meados de 1965, a água era fornecida aos moradores por meio de cacimbas,¹⁰ existentes em algumas áreas. Anos depois, foram construídos tanques que enchiam nos períodos chuvosos e, assim, fornecia água para todo o povoado. Posteriormente, em meados de 2012, a Empresa Baiana de Águas e Saneamento (EMBASA) passou a

⁴ Informações de um panfleto, o qual apresenta uma síntese da história do povoado de Itaipu entregue a população no dia 14 de Março de 1999, pela “Secretária de assuntos distritais (Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista-BA), no mesmo período em que a prefeitura disponibilizou um sistema de abastecimento de água no povoado.

⁵ Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014, 85 anos.

⁶ Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014, 77 anos.

⁷ Conforme o “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” a palavra Pau-a-pique significa: Parede feita de ripas ou varas entrecruzadas e barro; taipa. (1975, p. 1048).

⁸ Conforme o “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” a palavra Adobe significa: Pequeno bloco semelhante ao tijolo, preparado com argila crua, secada ao sol, e que também é feito misturado com palha para se tornar mais resistente; tijolo cru. (1975, p. 38).

⁹ Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014, 94 anos.

¹⁰ Segundo o “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”, a palavra cacimba significa: 1: Poço cavado até um lençol de água (1975, p. 246).

disponibilizar água encanada para os habitantes do lugar, contudo, segundo afirma estes, o sistema é precário e, muitas vezes, não fornece a água de que precisam.

O sistema de saúde é vulnerável, porque só existe um único posto, e esse não apresenta uma estrutura adequada. Ademais, em apenas um dia da semana há atendimento e com consultas reduzidas. Isso faz com que a população tenha que se deslocar até a sede de Vitória da Conquista para realização de exames médicos. O posto foi construído no ano de 1985, contudo, segundo a narrativa do Sr Jesuino, não dispunha nem de remédios básicos para comunidade. Somente, no dia 10 de julho de 2014, foi inaugurado o posto de saúde ampliado, com dois consultórios, salas de espera, sanitários e depósitos, e, de acordo com a prefeitura, possui capacidade de atendimento a 230 famílias (**figuras 2 e 3**):



Figura 2: Posto de saúde-Itaipu.
Fonte: Amaral, U. T. 2015.



Figura 3: Inauguração da ampliação do Posto de saúde-Itaipu.
Fonte: PMVC, 2015.

O povoado possui duas escolas municipais de ensino fundamental: a Escola Leopoldo Miguéz e a Escola Miguelzinho Gonçalves. A maior parte dos moradores que estão hoje na faixa etária de idosos (entre 62 e 85 anos), não obtinha condições de ter acesso à escola quando jovens, pois neste período não existiam escolas no povoado e as dificuldades de transporte eram grandes para se deslocarem para as cidades. Além disso, não só estes como seus filhos tiveram de começar a trabalhar como lavradores¹¹ desde a infância, assim, essa geração foi comprometida, no que respeita ao acesso a uma formação escolar. Todavia, alguns deles, como o Sr. Manuel, por exemplo, buscou ter algumas aulas particulares com o morador Antônio, o qual ensinou a ele o alfabeto. A primeira professora a ministrar essas aulas particulares nas casas, segundo afirma o Sr. Jesuino, foi Dona Mocinha Sampaio, sendo que as aulas destinavam primordialmente à alfabetização, já que o

¹¹ O significado de lavrador, conforme o “Dicionário do Campo” (2012), se insere numa multiplicidade de famílias que não se autodeterminavam de famílias de camponeses; se aplica aos camponeses proprietários privados de terras e aos diaristas e meeiros. Estes fazem parte de uma unidade de diversidade camponesa, o campesinato.

intuito de alguns moradores era aprender a assinar o nome, ler algumas palavras ou pequenos textos.

Segundo as narrativas, os moradores afirmam que, em se tratando da disponibilidade de meios dos moradores comprarem seus produtos para o sustento da família, o povoado dispõe de poucas alternativas, sendo que existem alguns bares (vendas¹²), que funcionam também como pequenos mercados; e dois mercados maiores, sendo que o primeiro deles passou a funcionar em 2004, (figura 4):



Figura 4: Mercado Dois Irmãos situado no centro do povoado de Itaipu. Fonte: Amaral, U. T. 2015.

No povoado não existem feiras, então, para comprar frutas e verduras, quando não têm no mercado, os moradores recorrem a um vendedor que passa semanalmente pelo lugar. Mas a maior parte deles opta por comprar as mercadorias necessárias ao consumo, em Vitória da Conquista-BA.

Outro aspecto de suma importância para a constituição da história do povoado foi a prática do tropeirismo no povoado, acontecimentos relatados pelos moradores revelam o quanto isso se tornou um marco para os mesmos e a forma como se repercutiu nas transformações ocorridas no lugar.

Ao considerar todas estas trajetórias vivenciadas pelos moradores de Itaipu e as respectivas mudanças ocorridas na configuração espacial do povoado é que se pode compreender a concepção de espaço, o qual, para Massey (2008), tem o papel de trazer diferentes temporalidades para novas gerações. Essa afirmativa demonstra a relevância das narrativas, as quais reproduzem acontecimentos passados que tiveram lugar na memória dos grupos e que explicam como o espaço de Itaipu foi adquirindo novas formas e a maneira como os moradores se adaptaram as mesmas. Os indivíduos, os acontecimentos,

¹² Segundo o Novo Dicionário da Língua Portuguesa a palavra “venda” em espaços rurais está associada ao ato de vender, vendagem, mercearia, bar.

modificam o espaço a todo tempo, em vista disso, compreende-se que o mesmo se dilui numa multiplicidade de trajetórias.

A MEMÓRIA COLETIVA E O LUGAR DA TRADIÇÃO

“É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 1990, p.82).

As discussões sobre a memória têm como fonte inicial Maurice Halbwachs (1990), sociólogo que se baseia nos pensamentos de Emile Durkheim, o qual analisa a sociedade pelo comportamento dos grupos, ultrapassando a ideia de memória apenas como fator biológico e psicológico. Assim, a partir da constituição de textos, elencando tais acontecimentos relatados nas narrativas, é que se pode chegar aos impasses do passado.

Nessa perspectiva, entende-se a memória coletiva como conteúdo que abarca lembranças comuns, alusivas a um grupo específico, e são essas recordações de um mesmo passado por um determinado grupo que promovem a unidade do mesmo. É neste sentido que a memória coletiva se define ao passo que acontecimentos ganham um lugar na vida de um grupo, os quais são tão importantes que podem ser lembrados ainda no tempo presente. São os relatos que revelam os acontecimentos outrora vividos em comum, o que torna a memória objeto do conhecimento (ALVES; OLIVEIRA, 2011).

No trabalho que aqui se expõe, o foco primordial é a associação da memória coletiva com a ciência geográfica, bem como as questões que abrangem o espaço, que é produzido e reproduzido pelas relações sociais ao longo do tempo. *A priori*, vale salientar que o papel da memória na sua associação com o espaço é o de trazer de volta acontecimentos que foram esquecidos, mas que ainda perduram nas lembranças dos habitantes do lugar, principalmente, dos moradores idosos, e, assim, poder compreender como ocorreram as mudanças no espaço ao longo dos anos até os dias de hoje, partindo das narrativas dessas pessoas. Ecléa Bosí (1994) ao discutir sobre memória de velhos de acordo com o pensamento de Halbwachs afirma que:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 1994, p. 63).

Visto isso, compreende-se que os idosos carregam uma grande bagagem de lembranças, sendo que já atravessaram trajetórias longas na sociedade. Segundo a autora o homem velho se ocupa atentamente e consciente do próprio passado, esse momento é de simplesmente lembrar.

Em relação ao tempo, nota-se que a memória não se relaciona com uma cronologia de fatos determinados por datas. A sucessão do tempo, assim como afirma Halbwachs (1990), remete há uma ordem de fenômenos organizados pelos grupos sociais que se referem às etapas da vida social e resultam nas tradições de um grupo. O tempo não está essencialmente ligado a datas, visto que as lembranças de acontecimentos do passado não se reportam a isto, e o que existe é um quadro temporal de dados que se associam a essas lembranças. Sendo assim, é precípuo, em relação à memória, considerar os relatos das pessoas que compõem os grupos sociais pertencentes ao povoado de Itaipu.

Nessa perspectiva, entende-se a memória coletiva como conteúdo que abarca lembranças comuns, alusivas a um grupo específico, e são essas recordações de um mesmo passado por um determinado grupo que promovem a unidade do mesmo. É neste sentido que a memória coletiva se define ao passo que acontecimentos ganham um lugar na vida de um grupo, os quais são tão importantes que podem ser lembrados ainda no tempo presente. São os relatos que revelam os acontecimentos outrora vividos em comum, o que torna a memória objeto do conhecimento (ALVES; OLIVEIRA, 2011).

Os acontecimentos, quando fazem parte de lembranças em comum, constituem-se também em marcos de memória: “Pero eso que llamamos los marcos colectivos de la memoria serían el resultado, la suma, la combinación de los recuerdos individuales de muchos miembros de una misma sociedad” (HALBWACHS, 1925, p. 10).

Magalhães e Almeida (2011) destacam os diferentes tipos de memórias coletivas, enfatizando que a memória permanece de acordo com o interesse do seu grupo, redundando no fato de umas serem ressaltadas, enquanto outras são esquecidas. Tais questões estão relacionadas à necessidade de manter determinadas relações sociais. “Nesse sentido, há várias memórias coletivas ou de grupos, de classe, que se tornaram memórias sociais validadas, legitimadas e, conseqüentemente, mais evidenciadas e reproduzidas em detrimento de outras” (MAGALHÃES; ALMEIDA, 2011, p. 102). Assim, existe a memória de uma classe elitizada e dominante e a memória de uma classe marginalizada, dominada. Ambas se confrontam e tentam sobrepor-se uma à outra, ao passo que se potencializam as condições para a manutenção da memória coletiva e social seletiva do *status quo* dominante.

Por um lado, o grupo dominante busca manter a ideologia do capital, mascarando a concretude das relações sociais do mundo capitalista. Por outra ótica, existe o grupo da classe trabalhadora, a qual luta contra o poder hegemônico do capital, buscando a permanência de seus valores e significados sociais.

Lombardi (2011) afirma que a memória não está somente ligada às lembranças, mas também aos conhecimentos passados, os quais foram transmitidos de alguma forma. Para o autor, a memória possui duas condições, sendo uma retentiva, a qual busca conservar os acontecimentos pretéritos, e a outra, a lembrança, que se encarrega de evocar os conhecimentos passados, tornando-os atuais. A discussão, que se faz em torno da relação da memória com o marxismo, trata sobre as questões analisadas por Marx e Engels (2007) sobre o modo de produção capitalista, as quais não se aplicam a uma mera análise científica, a que se refere a reflexões do processo abstrato do pensamento, mas, sobretudo, a uma sucessão de fatos reais, já ocorridos ou que estão ocorrendo. Neste contexto, por meio dos acontecimentos reais, que ocorrem ao longo de um processo historicamente construído, é possível revelar as contradições na sociedade capitalista.

A memória da tradição¹³ de uma comunidade permanece nas experiências dos seus habitantes, enquanto os mesmos estiverem vivos:

[...] as suas técnicas, a suas histórias e a sua identidade coletiva- surge como algo que sempre foi assim. Mas isso é apenas uma aparência, resultado do contínuo esborrar que acompanha a transformação da memória. O processo de transformação numa comunidade agrária tradicional pode ser lento; apesar disso, essas comunidades não ficam fora da história (FENTRESS e WICKHAM, 1992, p. 241).

Os grupos familiares de uma comunidade rural busca preservar seus significados, os quais resultam na memória das tradições. Mas ao longo de um processo histórico, as novas técnicas promovem mudanças nas relações sociais e no espaço, e, por sua vez, o modo de vivência dos grupos precisam se adequar às mudanças, mesmo que possam manter as tradições de outrora, por intermédio da memória coletiva, plausível testemunha do passado vivenciado por tais grupos.

O lugar se constitui numa parcela do espaço (CARLOS, 2007), revestido por relações sociais construídas por grupos específicos; neste véis, o mesmo se refere ao plano do vivido, visto que, é no lugar que a vida se desenvolve em todas as suas dimensões:

¹³ Martins (2011) ao estudar a sociabilidade do homem simples, em se tratando da definição de tradição nessa perspectiva, afirma: “O que é propriamente cotidiano, ainda assim, aparece como cenário *de fundo* dos sonhos (a rua, o lugar de trabalho, lugares da cotidianidade). O cenário próximo e íntimo é o da centralidade da casa (que é cotidiana, porque rotineira, mas que resiste a cotidianidade) porque é tradicionalista, no sentido de lugar dos vínculos umbilicais e naturais” (grifo do autor).

Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno. Deste modo a análise do lugar se revela – em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais que se justapõem e interpõem – no cotidiano com suas situações de conflito [...] (CARLOS, 2007, p. 20).

No contexto deste estudo, o lugar é o espaço onde se apresenta a tradição de um determinado grupo. Este, por meio de suas vivências, produz aspectos que caracterizam o lugar de habitação. Ao definir espaço e lugar, Doreen Massey (2008) explana que o primeiro: “[...] seja sempre e para sempre aberto, em um constante processo de fazer-se (p. 107)”. Assim sendo, este é imbuído de fluidez e, ao longo da história, vai sendo modificado. Neste véis, o lugar se constitui, para Massey (2008), num espaço do encontro e do não encontro. As características do lugar são construídas pelos próprios grupos que nele vivem, e, na medida em que as relações sociais são produzidas e reproduzidas, os grupos transformam o lugar a sua imagem e com isso tradições se constituem e possibilitam novas configurações ao espaço.

A dimensão do espaço como sociedade ultrapassa a ideia de que o mesmo é um sujeito ou um objeto apenas. Nessa perspectiva, compreende-se-o como um conjunto das mais variadas formas produzidas pelos próprios grupos sociais, adquirindo tais formatos por meio das relações cotidianas concretizadas. A vivência dos grupos, ao longo do tempo, cria símbolos e representações que marcam o lugar e estes grupos também são marcados pelo espaço vivido. Desse modo:

Concebe-se-o como transformado em “vivido” por um “sujeito” social, concernido por determinações práticas (o trabalho, o jogo), ou ainda por determinações bio-sociais (os jovens, as crianças, as mulheres, as pessoas ativas). Essa representação engendra para a reflexão um espaço no qual residem, vivem, e são considerados os “interessados”, indivíduos e grupos (LEFEBVRE, 2006, p. 153).

Ao distinguir claramente o lugar do espaço, entende-se que o primeiro está relacionado às especificidades de um tecer de histórias construídas pelos grupos, inseridos em topografias mais amplas, as quais o espaço se constitui. A respeito disso compreende-se que: “O lugar é o mundo do vivido, é onde, se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos” (CARLOS, 2007, p. 20). Assim sendo, não há como pensar o espaço social sem associá-lo ao lugar, é preciso então estudar ambas as categorias vinculadas entre si para a compreensão da memória de grupos sociais.

O lugar, além de vincular-se ao espaço, também possui relações intrínsecas com a memória. Assim como se afirma:

[...] o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos. Isto porque a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis sem com isso eliminar-se as particularidades do lugar, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos de vida, formas de apropriação, expressando sua função social, projetos, desejos (CARLOS, 2007, p. 22).

A memória coletiva dos grupos de um determinado lugar é que guarda a história dos mesmos, e revela as particularidades do mesmo. É no lugar que são percebidas as formas de vida dos grupos, bem como a relação de afetividade dos mesmos com o espaço de vivência, neste sentido, a memória revela as tradições construídas e o significado do lugar para eles.

No povoado de Itaipu, uma tradição, como a comemoração do “São João”, por exemplo, não se restringe somente aos grupos pertencentes a esta comunidade (faz parte de uma cultura de toda região nordestina) e ainda perdura, a despeito de ter passado por adaptações, isto é, não ter preservado plenamente as características de períodos anteriores, sendo que, se mantém, nessa celebração, a tradição da maioria das famílias de colocar fogueiras em frente das casas. Tradições como esta se trata sociologicamente, na concepção de Martins (1998), de “fronteiras” encontradas em temporalidades diferentes, as quais persistem na memória dos grupos protagonistas de tais costumes. Ao explicar sobre isso, o autor afirma: “A fronteira é um bom posto de persistência da mentalidade arcaica no âmago mesmo de um processo que parece pedir o novo e a inovação. Ela é indicativa de como entre nós o novo se apossou do arcaico que viabiliza” (MARTINS, J. de S., 1998, p. 682). Em suma, o autor esclarece que mesmo com o surgimento de novos costumes, as novas temporalidades reafirmam as que já existem, só que acrescentam aspectos novos. Dessa maneira, a comemoração Junina sempre irá existir se for passada de geração em geração, porém, como foi supracitado, imbuída de novas configurações, o que resulta numa combinação de temporalidades com datas e historicidades diferentes.

Mesmo que muitas tradições sejam extintas, a memória coletiva propagada pelos moradores persiste enquanto os componentes dos grupos estiverem vivos. Ao relatar sobre as questões que remetem a constituição de tradições rurais, Martins (1998) afirma:

[...] o sujeito não é apenas uma unidade física, um número ou um objeto, mas é alguém que se vincula, pelas suas relações uns com os outros, a uma sociedade determinada. Do mesmo modo, participa de uma cultura

que fornece como referência normas de comportamento apoiadas num sistema de valores (p. 19).

Este sistema de valores é construído na coletividade do grupo ao longo da história. Destarte, as tradições são evocadas pela memória individual e coletiva dos grupos, os quais ainda mantêm a vivacidade de determinados valores. Assim acontece no povoado de Itaipu, os vínculos entre os grupos do lugar foram sendo fortalecidos, ao passo que, as relações ocorriam, dessa forma é que se constituíram tais tradições, características próprias deste espaço, apesar de que esta comemoração do “São João” sofre grande influência de uma cultura regional do Nordeste do Brasil.

As relações de trabalho também estão associadas à tradição do lugar. Isso é perceptível na narrativa do Sr. Jesulino, destacando que, no período da “fogueira” (festa de São João), eles retornavam da colheita do café e, posteriormente ao evento, voltavam para o trabalho. Ao relatar sobre o trabalho na colheita do café em regiões circunvizinhas, o Sr Jesulino destaca a importância do retorno ao lugar no período Junino:

Em 1986, ai nois foi trabaiaá na fazenda de Acildes, um que tinha um armazém em Curitiba, era da Barra pra dentro, lá gente ficava quinze dia, voltava até o café cabava, vinha aqui casa, ota ora nóis voltava, a gente pegava era por lata né, o esforço era do trabaiaador, quando pegava dez lata [...]. A gente ia assim no período de Junho, ia antes da fogueira. **Era época da colheita né? (fala da pesquisadora):** Era, depois na época da fogueira a gente vinha pra cá, depois tornava vortar, eles vinha e panhava na camionete (Sr. Jesulino, 77 anos. Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014).

A narrativa demonstra a suma importância que o “São João” possui na vivência destes moradores, devido à influência que exerce sob os processos de trabalho no povoado. É tanto que existe uma rotina do lavrador (caipira) que associa o trabalho rural com o ciclo das comemorações litúrgicas do catolicismo, considerando o “São João” também como festa religiosa significativa, pois, no período do evento, os trabalhadores retornam ao povoado, e apenas posteriormente migram novamente para trabalhar na colheita do café em regiões circunvizinhas.).

Os moradores do povoado de Itaipu, até hodiernamente, preservam a tradição de realizar festas populares. São esses os momentos de lazer e alegria para a comunidade de Itaipu. Outras festas populares, de acordo com as narrativas dos moradores, foram realizadas ao longo da história, uma delas foi o primeiro carnaval do povoado, organizado pela moradora Lindaura, na década de 1940. Além disso, anualmente, ocorre a Festa de Reis, no dia 06 de janeiro. Essa festa começou a ser promovida pelo Sr. Germano. Em meados de 1980, o pároco Luis Orlando sentiu a necessidade de arrecadar fundos para a

construção da igreja e organizou, então, festejos a “São José”, o qual, segundo os moradores idosos, era o santo de devoção dos antepassados do povoado.

Outra tradição do lugar é a corrida da bandeira, incorporada em 1987 à Festa de Itaipu, juntamente com outras atividades, tais como: a corrida de argolinha¹⁴, competições esportivas e atrações musicais. Para a ocorrência dessas festas populares, a comunidade teve uma colaboração importante, de forma que estes eventos revelam a cultura do lugar e o “comunitarismo e familismo” (MARTINS, 1998), os quais possibilitam a existência dessas festividades locais. Dentre as celebrações supracitadas, o São João é o que mais perdura na vivência destes grupos sociais (figura 5):



Figura 5: Pavilhão onde eram realizadas as festas da bandeira em comemoração ao “São João”

Visto isso, é evidente, por meio das vivências dos moradores do povoado, que o lugar passa a ser dotado de significados, como são destacadas as tradições da festa de São João, a festa de Reis e as fogueiras nas casas. Neste viés, compreende-se que a acumulação de trajetórias vivenciadas pelos grupos é refletida no lugar em que habitam, neste sentido percebe-se o quanto o mesmo é a base da reprodução da vida, ao passo que pode ser sentido, pensado e vivido (CARLOS, 2007).

Apesar do processo de mobilidade do trabalho¹⁵ no lugar, pelo que muitos moradores de Itaipu tiveram de sair do povoado, tendo em vista a busca pela sobrevivência, e migrar para cidades, principalmente a metrópole paulista- SP- (Brasil), bem como para Vitória da Conquista- BA, as tradições do lugar não foram extintas completamente. A respeito disso, afirma-se: “Mesmo com a “importação” e a assimilação

¹⁴ Segundo o Novo Dicionário da Língua Portuguesa “corrida de argolinha” se refere a um jogo popular de corrida de cavalos que lembra a justa medieval.

¹⁵ Gaudemar (1977) considera a saída de pessoas do seu lugar de origem como forma de ampliar a produtividade e lucratividade, desse modo, a mobilidade do trabalho caminha junto à mobilidade do capital. Além disso, o autor também destaca que o conceito de mobilidade está associado à deslocalização espacial dos homens, que pode estar pautada nas migrações geográficas ou mesmo no meio profissional.

de hábitos e modos de origem urbana e remota, que chegam com as mercadorias que discrepantemente se integram aos ambientes domésticos, como o rádio, a máquina de costura, [...] os costumes de algum modo se mantêm” (MARTINS, 1998, p. 692). Ademais, é perceptível no povoado de Itaipu que ainda são muito presentes hábitos remotos notórios no próprio formato das casas, e visualiza-se uma resistência dos moradores em fazer mudanças. Ao deparar com a moradora Dona Clemência¹⁶, costurando seus bordados identificou-se a visibilidade de tais questões (figura 6):



Figura 6: Dona Clemência fazendo suas costuras em frente sua casa (94 anos). Fonte: Amaral, U. T. 2015.

Dona Clemência, em sua narrativa, explana que foi morar em Itaipu, em meados de 1973, período em que havia apenas uma pequena igreja, algumas casas, duas “vendas”, onde os moradores compravam seus produtos. Para esta senhora, o passado ainda está muito vivo em sua memória e vivência, vale salientar que sua narração revela as lembranças daquilo que foi para a mesma mais importante e que, mesmo com seus 94 anos de idade, ainda não se apagou. A igreja católica é ainda um símbolo de coletividade, localizada no centro do povoado, o que traduz uma característica regional de comunidades rurais.

A EXPRESSÃO DA TRADIÇÃO DO TROPEIRISMO NA MEMÓRIA DOS MORADORES

O tropeirismo foi uma prática essencialmente relevante para o povoado de Itaipu, expresso por meio das narrativas dos moradores, em que se constitui num marco de

¹⁶ Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014, 94 anos.

memória, se considerado que tal processo resultou em transformações espaciais significativas para o lugar, bem como revela uma tradição que foi sendo extinta na localidade ao longo da história.

Numa escala macro, o tropeirismo, no Brasil, surgiu desde o século XVII, sendo uma temática bastante discutida em São Paulo e Minas Gerais, chegando à duração de dois séculos e meio. A prática tinha o objetivo de abastecer vilas, lugarejos e povoados com mercadorias vindas de lugares que já obtinham pequenos comércios. No sertão da Bahia, essa prática ocorreu entres as décadas de 1900 e 1960. Os tropeiros¹⁷ além de transportarem mercadorias em lombos de burros, principalmente a carne seca, tendo em vista o abatimento de gado nas próprias fazendas do interior da Bahia, também carregavam consigo: cultura, notícias e conhecimento pelas regiões que passavam (NOVAIS, 2002).

Em meados de 1930, no povoado de Itaipu, os tropeiros comercializavam ou vendiam aos moradores feijão, carne, farinha, entre outros itens. Eles arranchavam no povoado em locais onde hoje funciona o bar do Sr. Rubem, assim como relata Dona Esmeralda¹⁸. Em alguns casos, apresentados na narrativa do Sr. Manuel, os tropeiros não tinham onde se abrigar, então, formavam rodas e espalhavam couros pelo chão e lá mesmo dormiam. Essas noites perduram na memória do Sr. Manuel, e o mesmo recorda das rodas de conversas dos tropeiros, as cantigas e trovas contadas por eles que compõem parte dessas trajetórias. Os costumes que deram origem a esta tradição demonstram o quanto este espaço teve relevância neste processo. Na concepção de Martins (1998), existem fronteiras nas quais essas temporalidades são encontradas, sobre isso o mesmo afirma:

[...] a fronteira é sociologicamente um lugar de contraditória combinação de temporalidades, lugar em que o processo histórico flui em ritmos lentos, mais lentos, sem dúvida do que as instâncias e espaços centrais e dinâmicos da sociedade, mesmo que a ocupação territorial seja veloz. Sociologicamente, a fronteira é um lugar em que essas temporalidades desencontradas adquirem substância em sujeitos sociais, protagonistas, classes, etnias, instituições, mentalidades, costumes, variações linguísticas igualmente desencontradas (MARTINS, 1998, p. 683).

Este processo, historicamente lento, porém revestido de uma mistura de costumes, revela as marcas deixadas pelos tropeiros no povoado, as quais produziram significados que refletem a tradição dos seus moradores, e tais questões esclarecem a preponderância dos

¹⁷ A palavra tropeiro é um derivado de “tropa”, Novais (2002) parafraseando Rogich Vieira (1984, p. 27-32), afirma que a palavra tem um sentido americanizado, provindo de colônias hispânicas, principalmente Peru e Argentina. Na região Nordeste do Brasil tropa é o “comboio” e tropeiro, unicamente o “comboeiro”. Ao tropeiro são atribuídos uma multiplicidade de conceitos. Novais (2002) cita outros historiadores, sendo que para Licurgo Santos Filho e Paulo Mercadante, o tropeiro é o dono da tropa, João Dornas Filho afirma que o “tocador” é o próprio dono da tropa.

¹⁸ Entrevista realizada no dia 11 de Abril de 2015, 75 anos.

tropeiros para o lugar, sobretudo, na junção de trajetórias construídas e que juntamente configuram o espaço social. O espaço é social, visto que é parte da sociedade. Henri Lefebvre (2006) faz uma discussão em torno do espaço social revelando a amplitude que compõe o mesmo:

O espaço social contém, ao lhe assinalar os lugares apropriados (mais ou menos), as *relações sociais de reprodução*, a saber, as relações bio-fisiológicas entre os sexos, as idades, com a organização específica da família – e as *relações de produção*, a saber, a divisão do trabalho e sua organização, portanto, as funções sociais hierarquizadas (grifos do autor). (LEFEBVRE, 2006, p. 35).

Assim, o espaço social pode ser representado por meio da família, em que já se percebe um formato hierárquico e, ao mesmo tempo existem em torno dela relações de produção criadas por meio da divisão do trabalho. O espaço, como parte integrante do meio social é dinâmico e fluído, não se restringe ao concreto, mas, além disso, assume um sentido abstrato, sendo o vivido, um fator preponderante na produção e reprodução espacial. A vivência social dos grupos promove a formação de espaços de representação, que, por sua vez, estão compostos pelo imaginário e simbólico, que, concomitantemente refletem a história dos grupos de moradores de Itaipu. A passagem das tropas pelo lugar promoveu novas configurações espaciais e mudanças na vivência destes grupos.

As tropas percorriam cidades, como Vitória da Conquista, Jequié, Anagé, dentre outras, no intuito de vender mercadorias, e, em sua passagem, trocavam informações e compartilhavam tradições com os habitantes do lugar. A respeito dessa prática, Novais (2002) elenca:

A prática do tropeirismo no sertão baiano exerceu uma importância fundamental na formação e consolidação de vilas e povoados. Itaipu, desde a sua origem, está centrada nas atividades agrícolas e pecuárias. Foi uma região que se destacava por abastecer outras localidades através dos sistemas de tropas desenvolvidos pelos primeiros moradores, durante as primeiras décadas do século XX. A maioria da população descende destes tropeiros que mantiveram viva a memória e história do lugar (NOVAIS, 2002, p. 36).

Segundo a narrativa do Sr Idalino, morador de 85 anos, o qual nasceu no povoado, e em 1935, já saía para vender farinha na cidade de Vitória da Conquista, o transporte era baseado em burros e carros de boi. Neste período, havia a passagem de tropas pela região, este morador morava com um dos tropeiros. Sobre as rancharias afirma-se:

À beira das estradas se erguiam vendas e ranchos para atender as necessidades dos viajantes e tropeiros. Os ranchos geralmente ficavam em alguma fazenda e sua estrutura era simples, apenas um barracão com telhado e meia parede. No local os tropeiros descarregavam as

mercadorias e as protegiam contra possíveis chuvas (NOVAIS, 2002, p. 23).

Ao relatar sobre as rancharias e casas feitas de palha na região Amazônica, Martins (1998) explica que essas coleções de objetos traduzem os significados dos meios de vida e visão de mundo dos grupos que as vivenciam. A afirmação esclarece tais questões:

A vida cotidiana é pontuada e definida pela prosaica coleção de objetos do rancho de madeira e palha, da casa de adobe ou de barro coberta de folhas de babaçu, desenho habitacional dos povoados [...] É definida pelos gestos, atos, expressões e relacionamentos por eles mediados, torna-se assim repositório de uma visão de mundo, de uma coerência de mentalidade. Ambos, meios de vida e visão de mundo, são essenciais para compreendermos o lugar que o descompasso das temporalidades que atravessam a vida de todos os dias tem na defesa de um modo de vida [...] (MARTINS, 1998, p. 685).

Neste contexto pode se comparar com a estrutura das rancharias dos tropeiros que se abrigavam em Itaipu, sem falar que as primeiras casas de Itaipu eram bem simples, também, feitas de adobe. É preponderante destacar o posicionamento do autor, o qual enfatiza o quanto esses objetos são expressões dos modos de vida de grupos, a exemplo dos tropeiros, os quais trouxeram para o povoado os seus costumes e tradições.

Ao abordar sobre o trabalho dos tropeiros, notou-se que os mesmos eram pagos para transportar as mercadorias, levando-as em carros de boi ou então a pé para as cidades mais próximas, principalmente Vitória da Conquista. Havia um tropeiro muito conhecido pelos habitantes, o Sr. Juvenal, esse, segundo narra a moradora Esmeralda, transportava mercadoria (açúcar, querosene, cereais, café) para cidade de Jequié e trazia mercadorias tanto de Jequié quanto de Feira de Santana. É importante salientar, conforme o Sr. Idalino, que o Sr. Juvenal não era o proprietário das tropas, nas quais havia responsáveis por comprar e vender as mercadorias. O Sr. Juvenal, na verdade, exercia a função de transportar e cuidar dos produtos nas tropas (compostas, geralmente, por doze burros), sendo considerado o líder, pelo fato de guiar os demais companheiros, seguindo na frente.

A passagem das tropas foi, como visto, um marco na memória de alguns moradores, o Sr. Manuel relata sobre um dos tropeiros:

E aí passava esse tropeiro, naquele tempo num tinha assim ladrão, às vezes, até por causa do povoado, o povo do povoado falava rancharia, que arranchava os tropeiros, quando num tinha a rancharia derrubava assim carga dos burros, fazia aquela roda assim, botava os couros, e durmia ali, ninguém mexia. Tinha gente que já fazia as rancharia¹⁹ pra

¹⁹ Conforme o “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” a palavra rancharia que dizer: Arranchamento, povoado pobre, origina-se da palavra rancho que significa: grupos de pessoas em passeio, marcha, jornada de trabalho. (1975, p. 1186).

receber esse povo viajante né, e tinha tropeiro que já ia pra o to lugar, passava só a noite é que tornava viajar pro destino que eles ia. Otos chegava e ficava cantano aqueles antigamente, tinha muito que era até trovador assim. Então foi assim (Sr Manuel, 77 anos. Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014).

Para esse senhor, a passagem das tropas representa o contexto social do qual ele fez parte. É tanto que o Sr. Manuel tem recordações dos pequenos detalhes, como por exemplo, as rancharias que abrigavam os tropeiros durante a noite. Além disso, demonstra-se a influência da cultura musical dos tropeiros para os moradores de Itaipu, tendo em vista as cantigas e trovas recordadas por Sr. Manuel. Essas recordações demonstram o quanto a prática do tropeirismo influenciou na memória dos grupos de Itaipu, bem como na tradição do lugar. Assim como aborda Halbwachs (1990), não se trata simplesmente de uma ligação entre as partes, mas do conjunto que reúne tradições, fatos em comum entre as pessoas que definem a formação de um grupo, o qual mantém uma relação viva com o espaço. Visto isso, o grupo além de criar imagens que possibilitam as novas configurações espaciais, acaba, também, se adaptando aos aspectos que se renovam e se transformam.

Ao relatar sobre a importância do tropeiro afirma-se:

Altamente considerado pelas principais figuras dos lugares onde negociava, o tropeiro era sempre bem recebido nas casas senhoriais e eram-lhe conferidas as mais importantes missões pela confiança que inspirava e conquistava onde quer que passasse. Eram reconhecidos não só como homens corajosos e experientes, preparados para solucionar os imprevistos das viagens, como probos e honrados nos negócios (JOB, 1984, p. 14).

Tendo isso em vista vê-se o quanto o tropeiro pela sua coragem e força enfrentava tantas dificuldades nas longas viagens, passando por regiões inóspitas, foi um marco na história do Brasil e na memória de muitos, especificamente dos moradores do povoado de Itaipu.

As tropas existiam, também, para transportar as mercadorias para outras regiões, tendo em vista que não havia outros meios de transporte e, além disso, as estradas também eram bem precárias. Sobre o grupo humano que conduzia a tropa faziam parte o tropeiro e alguns camaradas ou peões, sendo que cada um desempenhava tarefas específicas: o arrieiro ou capataz, que, em alguns casos, substituíam o tropeiro; os tocadores ou tangedores de lote e pequenos grupos de cargueiros (JOB, 1984). Isso revela uma das dificuldades que havia para comercializar o que era produzido na região. A afirmação posterior revela essas e outras vicissitudes enfrentadas pelos tropeiros nessas viagens:

Eram longas caminhadas, tocando os burros e prestando atenção para que nada de errado pudesse acontecer e machucar um animal ou danificar as mercadorias. Além do mais, o tropeiro tinha que ter condições físicas para o trabalho, pois pegavam muito peso, caminhavam muito e não tinha condições adequadas para dormir e alimentar. O trabalho era árduo e a disciplina rigorosa: levantavam cedo, pegavam os animais, arriavam e começavam a andar mais um bom trecho até chegar em outro pouso ou ao seu destino (NOVAIS, 2002, p. 28).

Em outra conversa com Sr. Idalino, vê-se que o mesmo, também, possui uma memória comum a de Sr. Manuel, a despeito do mesmo ter tido uma relação diferente com os tropeiros. O Sr. Idalino trabalhava para um tropeiro nas plantações de mandioca e na produção de farinha, o qual tinha uma posse na região, o mesmo relata: “Com 15 anos eu saía daqui com dez burro carregado de farinha pra vender na fera da cidade”²⁰. Essa viagem foi para Vitória da Conquista, em meados de 1945. O tropeiro Juvenal frequentava essa região quando viajava com a tropa, só que o Sr. Idalino não lhe acompanhava em outras viagens. Nas palavras do morador:

Eu fui criado por minha mãe e duas irmã, e elas saía trabaiano nas casa de farinha pros oto e eu saia mais elas, e aí por lá eu fiquei e tinha um vei e o vei era tropero, vei Juvenal, e lá eu fui ficando por lá e fui crescono lá mais ela e fiquei morano mais esse vei. E eu era nessa vida, fazeno farinha (Sr Idalino, 85 anos. Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014).

Esse morador ainda destaca que o único meio de transporte para carregar a mercadoria até a cidade era o animal, por meio do carro de boi, de tropas de burro, processo que demorava dias para se realizar. O Sr. Idalino, em sua narrativa, relata sobre o comércio de carnes na região, mercadorias transportadas pelos tropeiros para outras regiões, como Jequié, por exemplo, (neste caso, os tropeiros somente eram transportadores, não eram os donos das tropas e as mercadorias não lhes pertenciam). O morador afirma:

[...] matava cinco, seis vaca de uma veis, sargava essa carne, tinha aquelas mulé pra vinha pisar o sal no pilão, numa tinha aquele sal de hoje não, era sal grosso e essa carne botava no estaleiro la no sole, três dias de sole com três noite de sereno, de dia as muié oiava as carne e de noite era nois e ia dormi lá. E essa carne num era pra ficar aqui não, essa carne era pra levar ne “domo” de burro pra Jequié e prai pra dento pá vender! Aqui só ficava os osso, os fato, essas coisa e nem todo mundo podia comprar não (Sr Idalino, 85 anos. Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014).

²⁰ Sr Idalino, 85 anos. Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014.

A narrativa traduz as dificuldades de preparo da carne seca, a qual, se não colocasse sal, perderia por conta dos longos períodos de viagem. Novais (2002), num estudo sobre o tropeirismo na região, afirma que este preparo durava cerca de quatro dias.

As condições de vida dos moradores do povoado de Itaipu eram precárias, em situação na qual o trabalhador morava com o tropeiro, como no caso do Sr. Idalino que morava com o pequeno agricultor Juvenal, demonstra-se a submissão a condições desiguais de trabalho.

Embora o morador Idalino mencione que era tratado como “filho do patrão”, assim como ele relata: “eu só trabalhava como se fosse pra mim que esse vei (Juvenal) era como se fosse meu pai, ele era fazendeiro e viajava com tropa e eu morava mais ele como se fosse fí da casa”²¹, na verdade, era explorado pelo proprietário Juvenal, pois o primeiro tinha a mera ilusão de ser considerado seu filho, quando, na realidade, até a alimentação que lhe era oferecida não tinha a qualidade mínima. Em se tratando das formas de exploração do trabalho e submissão a essas condições de dominação ressalta-se:

O fato de homens estarem sob condição dominada, tendo de vender sua força de trabalho, sem o controle de seus próprios meios de subsistência, faz emergir a memória de homens sob situação alienante. Sua experiência fundamental é a do trabalho que se objetiva para outrem, que controla seu horário, seu modo de vestir, sua ração, etc., e essa experiência limita ou aliena a sua memória, até que emerja a consciência de classe para si (MEDEIROS, 2015, p. 65).

Essas condições de dominação são estratégias do modo de produção capitalista, em que as relações capitalistas são mediadas por um processo de separação do trabalhador dos meios de produção. A força de trabalho é vendida para o capital no processo produtivo e a mercadoria não é reconhecida pelo trabalhador, isso demonstra a alienação do trabalho pelo capital. A respeito disso, afirma-se:

Assim, os trabalhadores devem estar no mercado livres dos meios de produção, mas proprietários de sua força de trabalho, para vendê-la ao capitalista; este sim proprietário dos meios de produção. É por isso que a relação social capitalista é uma relação baseada na liberdade e na igualdade, pois somente pessoas livres e iguais podem realizar um contrato (OLIVEIRA, 2007, p. 36).

Assim sendo, as experiências de moradores, como o Sr. Idalino, faz emergir essa memória reveladora da condição dos mesmos enquanto uma classe trabalhadora sob condições de dominação, que não percebe o quanto é explorada, alienada por sua memória. Ao explicar o processo alienante provocado pelas relações capitalistas, e percebidas no povoado de Itaipu, afirma-se:

²¹ Sr. Idalino, 85 anos. Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014.

[...] a riqueza que o capital acumula não aparece como se fosse retirada do trabalhador, e sim produto do capital. Daí decorre a ilusão que pode nascer para o trabalhador de que a troca que realiza com o capital é justa e legítima. É comum ouvir de um trabalhador que o capitalista tem o direito de obter lucro, pois ele é o dono do capital. Sendo assim, tem o direito de aumentá-lo, pois sem ele (o capital) não haveria trabalho para os trabalhadores. (OLIVEIRA, 2007, p. 37).

Visto isso, nota-se o quanto a ideologia capitalista inverte o sentido das funções, sendo que o trabalhador não se vê na riqueza que ele produz e não possui condições financeiras de ter acesso a mercadoria, dessa forma fica totalmente alienado nesse processo, enquanto isso o mesmo não é mais dono nem da sua força de trabalho a qual foi vendida para o sistema do capital. No povoado de Itaipu essas relações podem ser identificadas na produção e comercialização das mercadorias carregadas pelos tropeiros, ao passo que os próprios moradores do povoado não usufruíam da mercadoria que manipulavam, visto que não tinha dinheiro para comprar, esta era levada para outras regiões, a ser vendida aos grandes compradores comerciantes.

Os tropeiros, assim como afirma o morador Jesuíno, eram também açougueiros, pois compravam o gado dos pequenos agricultores e preparavam a carne seca. O Sr. Francisco Gomes, pai de Jesuíno, era um destes tropeiros, ele vendia carne na cidade de Jequié e viajou com tropa até meados de 1960. Um dos pequenos agricultores que vendia carne para os tropeiros era o Sr. Cazuya, assim como relata o Sr. Paulo²², seu genro.

Mesmo quando os tropeiros não passavam mais pelo lugar, alguns moradores tinham seus próprios animais de carga, que utilizavam para carregar a mercadoria para Vitória da Conquista. Em meados de 1955, segundo narra o Sr. Jesuíno, havia também uma feira em José Gonçalves (distrito ao qual pertence o povoado de Itaipu), e, em anos posteriores, meados de 1975, os produtos eram levados em carros para a sede de Vitória da Conquista, geralmente por atravessadores, quando os proprietários não possuíam carros apropriados. Mesmo com as transformações espaciais no povoado e melhorias de transportes das mercadorias na região, o tropeirismo se tornou um marco na memória dos moradores do lugar, assim como faz parte hoje da tradição do mesmo. As modificações espaciais, com o passar do tempo, podem ser vantajosas para as pessoas, contudo, existem elos que mantêm os grupos vinculados ao passado vivido, isso produz significados para os mesmos:

No mais, fora das gravuras e dos livros, na sociedade de hoje, o passado deixou muitos traços, visíveis algumas vezes, que se percebe também na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares e mesmo nos modos de

²² Paulo, 55 anos. Entrevista realizada no dia 24 de Junho de 2015.

pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidas por tais pessoas e dentro de tais ambientes, nem nos apercebemos disto, geralmente (HALBWACHS, 1990, p. 68).

É interessante enfatizar que os traços que ficaram do passado não são apenas partes de lembranças, mas é como um passado presente, visto que, a memória o faz permanecer. As histórias contadas revelam a vivacidade da memória do espaço vivido e refletem a importância do lugar para os grupos a ele pertencentes, assim como é perceptível o quanto alguns acontecimentos de outrora permanecem na memória de determinados grupos.

A prática do tropeirismo no povoado foi também um aspecto relevante para o despontar da mobilidade do trabalho neste espaço, sendo que as primeiras tropas que passavam pelo lugar abriam caminho, onde se formava as primeiras estradas para as cidades, tais como Vitória da Conquista. A mobilidade é claramente percebida nas narrativas dos moradores, dado que compôs parte da vivência desses tropeiros viajantes que exerciam o papel de transportadores de mercadorias. Essa mobilidade proporcionou relações sociais e econômicas entre tropeiros e pequenos agricultores, sendo que, os primeiros eram compradores de gado dos segundos. As informações elencadas manifestam o quanto tal prática foi preponderante para os moradores do lugar, implicando nas transformações do espaço social e em parte da tradição do mesmo. Vale ressaltar que todas essas questões em torno da produção espacial se principiam na família, espaço onde já se percebe uma divisão do trabalho, e, é neste espaço que os significados resultantes da memória das tradições se constroem.

CONSIDERAÇÕES

O estudo principiou-se, como visto, apresentando discussões teóricas acerca da memória coletiva das tradições do povoado de Itaipu-Ba. Tais conceitos foram contextualizados, a fim de dar balizamento à pesquisa. No estudo da memória, compreende-se que os grupos familiares do povoado buscam preservar suas tradições na memória, já que não fazem mais parte das formas de vida dos mesmos. Nota-se que existem resquícios de tradições que ainda perduram na vivência dos moradores, como por exemplo, a comemoração das festas juninas, que, no povoado, era conhecida como “festa da bandeira”. Apesar de não ocorrer mais nos dias de hoje, permanece a prática de cada família fazer uma fogueira na frente das casas, um costume da cultura nordestina do Brasil (São João), específico de regiões rurais. Além disso, na data em que era comemorada a “festa da bandeira”, os lavradores podiam conciliar com o trabalho na colheita do café, atividade que faziam anualmente em regiões circunvizinhas para os fazendeiros; assim, no

período de Junho, iam para a festa que acontecia nesse mês no povoado, e, após os festejos, retornavam para a colheita até meados de Setembro.

Essas assertivas revelam o lugar como espaço do encontro e do não encontro, pois que, ora os grupos familiares mantêm os laços entre si, e resistem em sair do povoado, ora os elos são rompidos, na medida em que precisam migrar para outros lugares em busca de trabalho. As saídas de moradores do lugar, em sua maioria, não são espontâneas, visto que, são determinadas pela mobilidade do capital, em se tratando da falta de oportunidade de trabalho em sua região. Porém, existem aqueles que retornam para o povoado, pois ainda conserva uma forte ligação com a família e com o lugar.

A prática do tropeirismo foi de imenso valor para o povoado, porque os tropeiros marcaram o lugar com a memória das tradições, e as histórias e trovas contadas por eles fazem parte hoje da memória coletiva dos moradores, os quais vivenciaram o tempo em que os tropeiros passavam pelo lugar, e se encarregavam de transportar as mercadorias para outras regiões, como Jequié-BA e Vitória da Conquista- BA. Essas passagens dos tropeiros contribuíram em suma para o afloramento da mobilidade do trabalho no lugar e trouxe um leque de trajetórias relevantes na configuração espacial do povoado.

REFERÊNCIAS

ALVES, A.E.S.; OLIVEIRA, E. S. Memória e Identidade social do trabalho. In: LOMBARDI, J. C., CASIMIRO, A. P. B S., MAGALHÃES, L. D. R (orgs.). **História, memória e educação**. Campinas-SP: Editora Alínea, 2011.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

CALLAI, H. C. Aprendendo a Ler o Mundo: A Geografia Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, vol.25, nº66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br>. > Acesso em: 10/05/2011.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

FENTRESS, J.; WICKHAM, C. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado**. Tradução: Telma Costa. Lisboa: Editorial teorema, 1992.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de janeiro: Editora nova fronteira, 1975.

GAUDEMAR, J. P. de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Tradução de Maria do Rosário. Lisboa: Editorial estampa, 1977.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, editora revista dos tribunais, 1990.

JOB, V. R. Algumas considerações sobre o ciclo do ouro e o Tropeirismo. In: BONADIO, G. **O tropeirismo e a formação no brasil**. Sorocaba: Academia sorocabana de letras: fundação ubaldino do amaral; Skol/momesso/caracu, 1984.

LOMBARDI, J. C. história, memória, educação. In: LOMBARDI, J. C., CASIMIRO, A. P. B S., MAGALHÃES, L. D. R (orgs.). **História, memória e educação**. Campinas-SP: Editora Alínea, 2011.

MAGALHÃES, L. D.R; ALMEIDA, J.R.M. Relações simbióticas entre memória, ideologia, história e educação. In: LOMBARDI, J. C., CASIMIRO, A. P. B S., MAGALHÃES, L. D. R (orgs.). **História, memória e educação**. Campinas-SP: Editora Alínea, 2011.

MARTINS, J. de S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, J. de S. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: NOVAIS, F. A.; SCHWARCZ, L. M. História da vida privada no Brasil. SP: Cia das letras, 1998, vol. 4, p. 659-726.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo editorial, 2007.

MASSEY, D. B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução: Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MEDEIROS, R. H. A. **Memória compartilhada e história: entre alienação e ideologia**. (Tese de doutorado – Programa de Mestrado e Doutorado em Memória: linguagem e sociedade). UESB: 2015.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Submetido em: 23 de janeiro de 2017

Aceito em: 20 de abril de 2017